

A autofiguração de Nelson Rodrigues em sua obra memorialística *A menina sem estrela*

Alan Victor Flor da Silva¹

RESUMO: Objetiva-se, com este trabalho, evidenciar que o jornalista e escritor brasileiro Nelson Rodrigues elabora, em sua obra memorialística *A menina sem estrela*, um perfil de si mesmo mais humano, com o intuito de desconstruir a imagem negativa que os críticos criaram a seu respeito, em razão dos palavrões e das cenas consideradas obscenas presentes em suas peças teatrais e em suas crônicas.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues; Memórias; Autofiguração.

RÉSUMÉ: Nous avons comme but dans cette étude montrer que le journaliste et écrivain brésilien Nelson Rodrigues, dans sa l'œuvre « *A menina sem estrela* » (La fille sans étoile), élabore un profil de lui-même plus humain, afin de déconstruire l'image négative que les critiques ont créé à son sujet, en raison des gros mots et des scènes considérés obscènes présents dans ses pièces de théâtre et dans ses chroniques.

Mots-clés: Nelson Rodrigues; Souvenirs; Autofiguration.

Considerações iniciais

Nelson Falcão Rodrigues nasceu no dia 23 de agosto de 1912, em Recife, e faleceu no dia 21 de dezembro de 1980, no Rio de Janeiro, aos 68 anos. Além de dedicar grande parte de sua vida ao jornalismo, contribuindo, principalmente, para os jornais *A Manhã*, *Crítica*, *O Globo* e *Correio da Manhã*, foi considerado um importante escritor, sobretudo no campo da dramaturgia, no qual se destaca como um dos precursores do teatro moderno no Brasil.

Durante sua carreira de escritor, escreveu dezessete peças de teatro² e nove romances³, além publicar inúmeras crônicas dispersas em folhas periódicas cariocas e depois reunidas em coletâneas⁴.

¹ Aluno de mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

² Os títulos das dezessete peças teatrais de Nelson Rodrigues, em ordem de publicação, são: *A mulher sem pecado* (1941), *Vestido de noiva* (1943), *Álbum de família* (1946), *Anjo negro* (1947), *Senhora dos afogados* (1947), *Doroteia* (1949), *Valsa n.º 6* (1951), *A falecida* (1953), *Viúva, porém honesta* (1957), *Perdoa-me por me traíres* (1957), *Os sete gatinhos* (1958), *Boca de ouro* (1958), *Beijo no asfalto* (1960), *Otto Lara Resende* ou

Antes de completar 55 anos, a convite de José Lino Grünewald, começou a publicar diariamente crônicas memorialísticas, a partir do dia 16 fevereiro de 1967, na coluna *Memórias*, localizada no segundo caderno do jornal *Correio da Manhã*.

As crônicas foram divulgadas entre os dias 16 de fevereiro e 31 de maio de 1967, sendo interrompidas apenas quando uma tragédia levou toda a família de seu irmão Paulo Rodrigues à morte: o edifício onde ele morava juntamente com a esposa, os filhos e a sogra desabou em razão de uma forte chuva. A suspensão da publicação das crônicas, contudo, durou somente um pouco mais de uma semana.

Das oitenta crônicas divulgadas no jornal *Correio da Manhã*, as primeiras trinta e nove foram organizadas em capítulos e reunidas na coletânea *Memórias: A menina sem estrela*, lançada em 1967 pela editora do jornal que cedeu espaço para que Nelson Rodrigues divulgasse sua própria história de vida em crônicas. As quarenta e uma restantes ficariam para um segundo volume, que não chegou a sair, pois não houve acordo entre o memorialista e o *Correio da Manhã*. Essa primeira edição referente às memórias rodrigueanas tornou-se uma raridade bibliográfica, dificilmente encontrada até mesmo em sebos. De todos os livros de Nelson, esse é certamente o mais precioso item de colecionador.

Após a primeira edição, foi somente em 1993 que as oitenta crônicas foram reunidas em um único volume, lançado pela editora Companhia das Letras e organizado por Ruy Castro, que escreveu a biografia de Nelson Rodrigues, sob o título *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. Essas crônicas foram dispostas em ordem cronológica, e a coletânea foi dividida em duas partes: a primeira contém apenas as trinta e nove crônicas reunidas na edição de 1967 e a segunda reúne as quarenta e uma restantes, que permaneceram por muito tempo inéditas. Posteriormente, uma nova edição foi lançada pela editora Agir, em 2009.

Em suas memórias, o dramaturgo narra sua infância na rua Alegre, sua iniciação sexual, a morte dos irmãos Paulo e Roberto Rodrigues, o nascimento da filha Daniela, o

Bonitinha, mas ordinária (1962), *Toda nudez será castigada* (1965), *Anti-Nelson Rodrigues* (1973) e *A serpente* (1978).

³ Os títulos dos nove romances de Nelson Rodrigues, em ordem de publicação, são: *Meu destino é pecar* (1944), *Escravas do amor* (1946), *Minha vida* (1946), *Núpcias de fogo* (1947), *A mulher que amou demais* (1947), *O homem proibido* (1947), *A mentira* (1953), *Asfalto selvagem* (1959), *O casamento* (1966).

⁴ Entre as coletâneas mais famosas de Nelson Rodrigues, destacam-se *A vida como ela é...* (1961), *O óbvio ululante* (1968), *A cabra vadia* (1970) e *O reacionário* (1977).

fechamento do jornal *Crítica*, a tuberculose em Campos do Jordão e a estreia de *Vestido de noiva*.

Na primeira crônica de suas memórias, o escritor brasileiro afirma que para ele nenhum fato é intrascendente:

Antes de prosseguir, porém, devo explicar que, para mim, nada é intrascendente. Pode ser um fato de infinita, exemplar modéstia. Digamos que a nossa galinha pule a cerca do vizinho. Pode haver uma peripécia de mais delicada humildade? Não. E, todavia, esse incidente, em que pese a sua aparente irrelevância, tem um toque de Graça e de Mistério. Se bem me lembro, é de Bernanos um romance que termina assim: – “Tudo é Graça.” (RODRIGUES, 2009, p. 19-20)

Ao afirmar que nada lhe é intrascendente, à exceção da nudez⁵, Nelson Rodrigues indica que, além de fatos surpreendentes e chocantes, como a morte dos irmãos Paulo e Roberto Rodrigues e o nascimento da filha Daniela, que nasceu cega, acontecimentos banais também serão representados em suas memórias, como o incidente de seu vizinho bandeirinha e o episódio do engano auditivo, no qual o dramaturgo confunde “A Nova Constituição do Brasil!” com “A Nova Prostituição do Brasil!”.

É possível perceber com a leitura da obra *Memórias: a menina sem estrela* que a imagem que Nelson Rodrigues constrói de si mesmo não condiz com a fama de escritor polêmico e pornográfico, que ele recebeu da maioria dos críticos e dos leitores de sua época. Considerando-se, portanto, a diferença entre as duas imagens de Nelson Rodrigues, uma veiculada pela crítica e outra construída pelo próprio dramaturgo em sua obra de cunho autobiográfico, objetiva-se, com este trabalho, evidenciar que o teatrólogo brasileiro elabora um novo perfil de si próprio em suas memórias, com o intuito de desfazer sua imagem negativa, apresentando-se como um ser comum, que possui virtudes e falhas.

1. A autofiguração na escrita autobiográfica

Segundo Philippe Lejeune (1975), memórias, diários e autobiografias são considerados gêneros da literatura íntima, pois pessoas reais, em tom confessional, põem em evidência a sua própria existência, a sua vida individual.

⁵ “Para mim, não há nudez intrascendente.” (RODRIGUES, 2009, p. 34)

O adjetivo “íntimo”, contudo, insinua que todos os fatos, pensamentos e impressões que são documentados em textos de cunho autobiográfico são escritos para permanecerem apenas em nível confidencial e privado. Esse significado, no entanto, não condiz, de fato, com as autobiografias, pois, quando estas são publicadas, qualquer leitor pode ter acesso ao conteúdo de suas páginas. Como desdobramento, o autobiógrafo, consciente de que seus escritos chegarão às mãos do público em geral, selecionará os acontecimentos de sua vida de acordo com a imagem de si mesmo que ele deseja difundir entre seus futuros leitores.

Nesse sentido, as autobiografias são textos carregados de intenções, de implícitos e de ideologias, pois, assim como quaisquer gêneros discursivos, são produtos de uma interação verbal ou de um processo enunciativo ou dialógico entre o autobiógrafo e os seus leitores.

Para Bakhtin (2009),

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. (BAKHTIN, 2009, p. 116)

Considerando-se, portanto, o modelo enunciativo bakhtiniano, o autobiógrafo, analogicamente, exerce a função de locutor; o leitor, a de interlocutor e a autobiografia, a de produto da interação verbal. Desse modo, partindo-se do princípio de que não pode haver enunciação sem um interlocutor real, o autobiógrafo não pode escrever um texto autobiográfico sem considerar antes um presumível leitor ao qual possa se destinar e as suas intenções perante esse mesmo leitor. Desse modo, antes mesmo de chegar às mãos daqueles que vão lê-la, a autobiografia já foi escrita tendo em vista as expectativas do escritor mediante o possível público que terá acesso a seus escritos.

Complementando os princípios bakhtinianos, Jeanne-Marie Gagnebin (2009) defende que os pronomes pessoais “eu” e “tu”, no contexto mais específico do discurso autobiográfico, não designam nenhum indivíduo específico, pois, sozinhos, são signos vazios de significado e apenas indicam instâncias da enunciação e da destinação de um discurso, de

tal modo que o “eu” sempre se define em relação a um “tu” (outro). Em outras palavras, aquele que emite o discurso (primeira pessoa) não pode se definir fora da dinâmica da interlocução, sendo necessária, portanto, a presença daquele a quem se destina o discurso (segunda pessoa). Nas palavras da autora,

Um “eu” somente pode empreender a narração do seu passado, essa história de si mesmo, se puder contar, implicitamente ou explicitamente, com um “tu” que recebe sua narração, seja esse “tu” um interlocutor direto (...), ou um leitor implícito, mesmo que ele seja um leitor futuro menos preconceituoso que os contemporâneos. (GAGNEBIN, 2009, p. 137)

Tomando-se como base os princípios sociointerativos, o indivíduo que escreve sua própria história de vida não se entrega, como se pode imaginar, a um discurso íntimo, privado e monológico, como se fosse um adolescente ao escrever seu diário. O autobiógrafo, na verdade, como sujeito consciente de que sua obra autobiográfica não se restringirá somente ao nível pessoal, selecionará os acontecimentos de sua vida de acordo com a imagem que ele gostaria de projetar de si mesmo para seus leitores.

A ideia, portanto, de que o escritor, na solidão e no isolamento de seu local de trabalho, deixa-se desvelar à medida que com o auxílio da pena vai tecendo sua própria história é uma ilusão. Além do fato de que o autobiógrafo seleciona os acontecimentos de sua vida de acordo com a representação que deseja projetar de si mesmo, o passado, conforme Jürden Straub (2009), é um produto continuamente inacabado e, portanto, pode ser reconstruído tendo em vista não apenas as experiências do presente e as expectativas em relação ao futuro, como também o surgimento de novas ideias, a assimilação de novas normas e a ampliação do vocabulário. A reconstrução contínua do passado deve-se ao fato de que a memória, assim como afirma Helmut Galle (2006), não é um depósito de armazenamento de informações ou percepções.

As percepções conscientes ou inconscientes permanecem na memória de curta duração por poucas horas, e apenas as mais “úteis” são gravadas na memória de longo prazo. Cada ativação das redes neuronais, que evoca uma lembrança, é uma renovação que não segue exatamente o esquema anterior. (GALLE, 2006, p. 74)

Nesse sentido, o passado não pode ser integralmente resgatado. É por essa razão que, além das lembranças, a invenção e a seleção são estratégias de que fazemos uso para preencher os vazios e as lacunas que existem entre uma lembrança e outra. Ao narrarmos, portanto, um acontecimento passado, o que é indiferente pode ser descartado, o que é desagradável pode ser alterado, o que é pouco claro ou confuso pode ser nitidamente delimitado e o que é trivial pode ser elevado à hierarquia do insólito (STERN apud BOSI, 1994).

No que tange, por conseguinte, à literatura íntima, o autobiógrafo, consciente ou inconscientemente, utiliza-se dessas estratégias para elaboração de seus textos autobiográficos, pois, por mais que deseje ser fiel aos fatos pesquisando em documentos de toda sorte ou entrevistando pessoas que lhe foram próximas na infância ou na juventude, as lacunas da memória são inúmeras e precisam ser preenchidas de alguma forma. Portanto, em se tratando especificamente da seleção das lembranças, o autor, ao escrever seu texto autobiográfico, seleciona suas memórias a partir da imagem que gostaria de projetar de si mesmo para seus leitores.

Como o passado não pode ser integralmente recuperado e a autobiografia é um gênero discursivo construído dialogicamente entre escritor e leitor, podemos afirmar que todos os personagens de textos autobiográficos não condizem necessariamente com a descrição fiel de seu autor. Na verdade, os autobiógrafos criam uma ficcionalização de si mesmos e constroem apenas um personagem homônimo. Desse modo, é possível que os escritores sejam diferentes de seus personagens autobiográficos.

Assim, os limites entre os gêneros da literatura ficcional e os da literatura íntima são (quase?) imperceptíveis à primeira vista. Um dos principais argumentos para defender que não existem fronteiras muito bem delimitadas, por exemplo, entre o romance e a autobiografia é justamente o fato de que, em ambos os gêneros, há personagens que compartilham do mesmo traço: a ficcionalidade. Enquanto na autobiografia indivíduos reais são ficcionalizados, os personagens do romance, por sua vez, são fictícios por natureza.

2. Ficcionalização de Nelson Rodrigues e a imagem de si (autofiguração)

Segundo Veiga Neto (2012), Nelson Rodrigues, em suas memórias, cria um personagem homônimo, baseado na ficcionalização do próprio escritor Nelson Rodrigues e elaborado a partir de uma imagem que o dramaturgo pretende mostrar de si mesmo aos leitores de suas crônicas memorialistas, publicadas primeiramente no jornal *Correio da Manhã*, em 1967, como podemos observar no excerto a seguir:

Nas memórias, o escritor traça um perfil de si (...) e cria uma ficcionalização de si próprio, uma imagem de como ele deseja se mostrar ao leitor que acompanha sua coluna do jornal. O Nelson Rodrigues escritor cria um personagem rodrigueano de mesmo nome. Nelson Rodrigues vira personagem de sua própria obra. (VEIGA NETO, 2012, p. 20)

Conforme Veiga Neto, Nelson Rodrigues, ao ser ficcionalizado, constrói um perfil de si próprio com o intuito de passar uma imagem para o público que lê suas memórias:

Ao escrever suas crônicas de memórias, Nelson Rodrigues já era uma figura amplamente conhecida, fosse pelo teatro, pelo cinema, pela televisão, pelas entrevistas polêmicas ou pelos livros. As opiniões acerca de sua pessoa já se encontravam cristalizadas e, ainda assim, ele permanecia em evidência. Desta forma, Nelson Rodrigues pode ter projetado em si próprio a imagem daquele que o público deseja ou que ele desejava. (VEIGA NETO, 2012, p. 21)

Sobre essa representação ficcional que Nelson Rodrigues elabora de si mesmo, Veiga Neto defende que esse importante escritor do teatro moderno criou um personagem rodrigueano mais humano.

Percebemos que o narrador autodiegético torna-se mais humano, mais palpável, passível de lapsos de memória, de erros, acertos e convicções em um texto (apenas aparentemente não editado, falsamente autêntico e puro. (VEIGA NETO, 2012, p. 23)

Em vez de enaltecer e elevar a própria figura, assim como fizeram muitos autobiógrafos do século XIX, como Visconde de Taunay e Joaquim Nabuco, Nelson Rodrigues constrói uma imagem de si mesmo apresentando não apenas as virtudes, como também os defeitos.

Em razão de sua inovação e de sua ousadia na dramaturgia brasileira, Nelson Rodrigues foi considerado um escritor muito polêmico, alvo de inúmeras críticas, acusado muitas vezes de escrever crônicas e peças teatrais imorais e obscenas. É possível inferir, portanto, que um perfil de si mesmo mais humanizado, como podemos observar na leitura de suas crônicas memorialistas, tenha sido construído com o intuito de quebrar com essa imagem negativa construída acerca de Nelson Rodrigues em meados do século XX.

Nas crônicas, percebemos que o dramaturgo aparece como um homem muito próximo à família, principalmente em relação aos irmãos. No dia 2 de março de 1967, Nelson Rodrigues publica uma crônica sobre a morte do irmão Paulo Rodrigues, que morreu num desabamento em Laranjeiras. Nessa crônica, o escritor mostra-se ressentido por não lhe ter dito tudo o que queria, por não lhe ter feito confissões extremas e por não lhe ter sido um irmão um pouco mais afetuoso e meigo.

Naquele momento, descobri que não se deve adiar uma palavra, um sorriso, um olhar, uma carícia. E como me doía não ter dito a ele tudo, não ter feito as confissões extremas. Eu percebia, ali, que nós olhamos tão pouco as pessoas amadas. Quantas palavras calei com pudor de ser meigo, vergonha de parecer piegas? Agora mesmo eu não chorava como queria. (RODRIGUES, 2009, p. 46)

Além de descrever suas emoções em relação à perda de Paulo Rodrigues, o dramaturgo brasileiro, em crônica publicada em jornal no dia 21 de março de 1967, também narra o assassinato de mais um familiar – Roberto Rodrigues, cuja morte, segundo o memorialista, foi uma perda muito mais intensa, pois ele presenciou o homicídio do próprio irmão.

Naqueles cinco, seis minutos, acontecera tudo (e como, nesses momentos, a figura do criminoso é secundária, nula. Eu não me lembrei da ira; eu não pensei em também ferir ou em também matar. Só Roberto existia. Estava, ali, deitado, certo, certo, de que ia morrer. Pedia só para não ser tocado. Qualquer movimento era uma dor jamais concebida). Vinte e seis de dezembro de 1929. Nunca mais me libertei do seu grito. Foi o espanto de ver e de ouvir, foi esse espanto que os outros sentiram na carne e na alma. E só eu, um dia, hei de morrer abraçado ao grito do meu irmão Roberto. Roberto Rodrigues. (RODRIGUES, 2009, p. 126-127)

Assim como se refere aos irmãos com comoção, Nelson Rodrigues também narra, numa crônica divulgada no dia 7 de março de 1967, o nascimento da filha Daniela, deixando transparecer, ao mesmo tempo, ternura, afeto e entusiasmo.

Tudo aconteceu numa progressão implacável. Daniela nasceu e não queria respirar. Dr. Marcelo Garcia fazia de tudo para salvar aquele sopro de vida. De manhã, quase, quase a perdemos. A irmã, desesperada, batizou minha filha no próprio berçário. Dr. Cruz Lima, Dr. Marcelo, Dr. Silva Borges, lutaram corpo a corpo com a morte. Mudaram o sangue da garotinha. E ela sobreviveu.

Lúcia quis ver a filha no dia seguinte. E veio numa cadeira de rodas, empurrada por D. Lidinha. Voltou, chorando, e dilacerada de felicidade. Também fui espiar Daniela pelo vidro do berçário. (...) Mais uma semana, Lúcia e Daniela vinham para casa. Tão miudinha a garota, meu Deus, que cabia numa caixa de sapatos. (RODRIGUES, 2009, p. 68)

É possível inferir, portanto, que Nelson Rodrigues expõe, em suas crônicas memorialísticas, sua relação com seus familiares, como irmãos, pai, mãe, esposa e filha, com o intuito de apresentar um Nelson Rodrigues mais sensível, mais afetuoso e mais sentimental. Essa representação de si contrapõe-se, obviamente, à imagem que o público-leitor daquela época tinha a respeito do dramaturgo.

Numa crônica publicada no dia 9 de março de 1967, Nelson Rodrigues altera sua concepção a partir de sua experiência, na infância, com a gripe espanhola. Antes da doença, a morte, considerada uma de suas obsessões, era concebida pelo escritor como algo belo, em razão dos preparativos para o funeral, sempre muito bem planejado e ornamentado com velas, flores e penachos. Durante a enfermidade, ao deparar-se com muitas pessoas morrendo a todo o momento, desacompanhadas e sem nenhuma cerimônia de despedida, a morte, para o memorialista, passou a ser feia.

Antes da gripe, achava a morte rigorosamente linda. Linda pelos cavalos, e pelas plumas negras, e pelos dourados, e pelas alças de prata. Lembro-me que, na primeira morte adulta que vi, cravou-se em mim a lembrança dos sapatos, inconsoláveis, tristíssimos sapatos. A Espanhola arrancou tudo, pisou nas dalias, estraçalhou as coroas. (RODRIGUES, 2009, p. 76-77)

Nessa passagem, Nelson Rodrigues insinua que, quando era criança, apresentava uma ingenuidade infantil e uma sensibilidade. Desse modo, quem poderia imaginar que um

homem acusado muitas vezes de ser um escritor obscuro e pornográfico pudesse ser na infância tão inocente e sensível?

No dia 19 de abril de 1967, o escritor divulga uma crônica na qual se revela um verdadeiro narcisista e egoísta. Ao aventurar-se como dramaturgo, Nelson Rodrigues, ao receber uma crítica positiva de Manuel Bandeira e de outros críticos consagrados sobre a peça *Vestido de noiva*, sente-se vaidoso e orgulhoso de seu próprio sucesso. Na crônica do dia seguinte, por sua vez, ao narrar os preparativos para a encenação de sua peça, apresenta um complexo de inferioridade, diminuindo-se por acreditar que o público e a crítica não apreciariam a representação cênica de sua obra teatral.

E ninguém podia imaginar que eu estava prodigiosamente embriagado de mim mesmo. Eu, eu, eu, eu. Se a mulher amada me aparecesse, não a reconheceria; e, se a reconhecesse, passaria adiante. (RODRIGUES, 2009, p. 246)

E ninguém perdoaria a desfaçatez de uma tragédia sem “linguagem nobre”. Ao entrar em casa, eu não acreditava mais em mim mesmo. E me perguntava: “Como é que fui meter gíria numa tragédia?” (RODRIGUES, 2009, p. 251)

Ao mostrar-se como um indivíduo que, ao mesmo tempo, pode enaltecer-se e subjugar-se, Nelson Rodrigues revela-se, em suas crônicas memorialistas, como um sujeito contraditório, capaz de sentir-se, concomitantemente, vaidoso e inseguro em relação à recepção de sua famosa peça *Vestido de noiva*, tanto por parte da crítica, quanto por parte do público. Além disso, o escritor deixa transparecer a imagem de um ser humano que não vive apenas êxitos, mas que também comete erros e falhas.

No início década de 1930, a família de Nelson Rodrigues passa por necessidades financeiras. Mário Rodrigues, o patriarca da família, havia falecido poucos meses após a morte do filho Roberto, que fora assassinado em seu lugar, e o jornal *Crítica*, folha periódica de propriedade da família Rodrigues, havia sido fechado, em razão da Revolução de 1930. Após o fechamento do jornal, Nelson Rodrigues e seus irmãos se deparam com todas as portas fechadas e, conseqüentemente, não conseguem obter emprego, e a família encontra-se totalmente desamparada, sem dinheiro nem para suprir as necessidades básicas.

Numa crônica publicada no dia 31 de março de 1967, Nelson Rodrigues narra sua experiência com a fome e com a falta de oportunidade. Ao encontrar um amigo com o qual

havia trabalhado no jornal *A Manhã*, sentiu-se muito emocionado ao ser recebido de braços abertos quando todos os conhecidos lhe haviam desprezado e ao ser convidado para almoçar quando a fome lhe dominava.

Lembro-me que, certa vez, encontrei o André Romero, velho jornalista que trabalhava comigo na Manhã, primeiro jornal do meu pai. Romero veio para mim de braços abertos. Ora, tamanha era minha depressão que um sorriso, ou um bom dia, me empolgava. Crispei a mão no seu braço, numa emoção absurda (eu ia acabar chorando, meu Deus, eu ia acabar chorando). E o grande momento do nosso encontro foi no fim, quando ele propõe: – “Vamos almoçar? Te convido. Vamos!” (RODRIGUES, 2009, p. 165)

Nessa passagem, Nelson Rodrigues desconstrói a imagem de jornalista e escritor reconhecido e humaniza-se, revelando-se como um homem comum, capaz de sentir-se fragilizado e desamparado perante situações difíceis, como a fome e o desamparo.

Embora o livro de *Memórias* do dramaturgo não seja uma obra de caráter ficcional, o memorialista utiliza-se várias vezes de figuras de linguagem, como, por exemplo, a metáfora, a prosopopeia e a sinestesia:

Metáfora: E o poeta Drummond? Pôs, numa frase escassa, toda a aridez de três desertos. (RODRIGUES, 2009, p. 53)

Prosopopeia: Eu durmo, mas a úlcera, nunca. Essa está sempre em vigília. (RODRIGUES, 2009, p. 95)

Sinestesia: Minha família morava diante do mar. Mas o mar, antes de ser paisagem e som, antes de ser concha, antes de ser espuma – o mar foi cheiro. Há um cavalo na minha infância profunda. Antes de ser uma figura plástica, elástica, com espuma nas ventas – o cavalo foi aroma como o mar. (RODRIGUES, 2009, p. 24)

Além do uso de figuras de linguagem, Nelson Rodrigues apresenta, em sua obra memorialística, outros recursos estilísticos, como frases de efeito⁶, digressões⁷, correções⁸ e marcas de oralidade⁹.

⁶ As frases de efeito são aquelas que geralmente surpreendem e/ou chocam o leitor.

⁷ As digressões, fenômeno bastante comum na fala, são divagações que provocam a suspensão temporária do assunto em curso e desempenham funções relevantes como, por exemplo, explicar, ilustrar, atenuar, fazer ressalvas, introduzir avaliações ou atitudes do locutor, entre outras.

⁸ A correção, fenômeno também muito comum da oralidade, é uma informação inserida *a posteriori*, quando se interrompe o ato de fala para apresentar a forma que se considera mais apropriada. No caso do texto escrito, a

Frases de efeito: Eis o que me importa dizer: – o amigo é a desesperada utopia que perseguimos até última golfada de vida. (RODRIGUES, 2009, p. 351)

Digressões: (Naquela época, os jornais davam à tuberculose o nome imaculado de “peste branca”. Por uma associação meio idiota, eu me lembro de Moby Dick, a “baleia branca”. Mas estou divagando, e desculpem.) (RODRIGUES, 2009, p. 26)

Correções: Não, não. Estou fazendo confusão de datas. Em 1918, Adolfo ainda não estava em Pereira Nunes, nem no Brasil. Viria para cá em 1922, só em 1922. Mas como eu ia dizendo: – durante a gripe espanhola, a cidade viveu à sombra dos mortos sem caixão. (RODRIGUES, 2009, p. 73)

Marcas de oralidade: Deu-lhe uma espécie de escrúpulo, cerimônia, pudor ou sei lá. (RODRIGUES, 2009, p. 47, grifo nosso)

É possível inferir que esses recursos estilísticos, sobretudo as digressões, as correções e as marcas de oralidade, tenham sido utilizados pelo autobiógrafo para aproximar seu texto escrito da fala, de tal modo que o memorialista pudesse dar à sua escrita um tom de conversa, com o intuito de fazer com que seu leitor se sentisse seu amigo e/ou seu confidente, isto é, alguém para quem o escritor Nelson Rodrigues pudesse revelar à vontade seus segredos, suas impressões, seus pensamentos, suas opiniões e suas mágoas. Dessa forma, fica mais fácil para o escritor brasileiro alcançar seu objetivo de conseguir a adesão dos leitores a aceitarem a imagem que ele pretende difundir de si mesmo.

Em seu trabalho autobiográfico, Nelson Rodrigues, além de tentar justificar a presença da nudez e de palavrões em suas obras ficcionais, revela-se como uma pessoa comum, um homem de família, um ser que já passou por dificuldades financeiras e pessoais e um indivíduo que já experimentou todas as formas de sentimento, como a raiva, o afeto, a inveja e a gratidão. Presume-se, portanto, que o público, ao ler a obra memorialística rodrigueana, mude a própria concepção a respeito do dramaturgo, uma vez que a imagem do memorialista Nelson Rodrigues não se parece em nada com sua fama de escritor obscuro e pornográfico.

correção é muitas vezes um recurso estilístico, pois o autor poderia muito bem apagar o que foi dito antes de forma insatisfatória ou equivocada e escrever de novo, só que de maneira mais adequada.

⁹ Marcas de oralidade são caracteres muito característicos na fala que são transpostos para a escrita, com o intuito de aproximar o texto escrito do texto oral.

Considerações finais

Observamos que Nelson Rodrigues, em suas crônicas memorialísticas, revela-se um homem muito próximo à família, ao expor suas emoções e suas dores em relação à descoberta da cegueira da filha Daniela e à perda dos irmãos Paulo e Roberto Rodrigues e do pai Mário Rodrigues. O dramaturgo figura-se também como um homem comum, pois ele descreve diversas situações difíceis e delicadas pelas quais passou durante sua vida, como o desemprego, a fome, o desamparo, a solidão, a perda de familiares queridos e a internação no sanatório.

Além de Nelson Rodrigues revelar-se um homem de família e um indivíduo comum, ele figura-se também como um ser humano preconceituoso, contraditório, narcisista, egoísta, obsessivo e intolerante, qualidades que, embora muitas vezes sejam vistas como negativas, também são avaliadas como tipicamente humanas.

Em vez de apenas exaltar-se e enaltecer-se, assim como nas autobiografias de Visconde de Taunay e Joaquim Nabuco, Nelson Rodrigues preferiu construir uma imagem mais humanizada de si mesmo para seus leitores, demonstrando não apenas suas virtudes, mas também seus defeitos e suas falhas.

É possível inferirmos que o memorialista talvez tenha optado por essa representação para atenuar ou mesmo anular a imagem que o público tinha a seu respeito. Nelson Rodrigues, no período em que viveu, foi visto muitas vezes como um homem polêmico e como um escritor obscuro e pornográfico. Ao ler suas crônicas memorialísticas, é provável que o leitor sinta-se persuadido a mudar sua visão sobre esse grande escritor do teatro moderno no Brasil, passando a vê-lo como um homem incompreendido pelos críticos e pelo público-leitor de seu tempo.

Referências

CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

BOSI, Ecléa. Memória-sonho e memória-trabalho. In: _____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 41-70.

GAGNBIN, Jeanne Marie. “Entre moi e moi même” (Entre eu e eu mesmo”, de Paul Ricoeur). In: GALLE, Helmut et al (Org.). *Em primeira pessoa: Abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH, USP. 2009, p. 133-139.

GALLE, Helmut. Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 64-91, 2006.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. São Paulo : Editora 34, 2012.

RODRIGUES, Nelson. *Memórias: A menina sem estrela*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

_____. *A menina sem estrela: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TAUNAY, Visconde de. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

VEIGA NETO, Oswaldo. *As memórias do “tarado de suspensórios”*: a construção do personagem Nelson Rodrigues pelo autor Nelson Rodrigues. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira) – Curso de pós-graduação *lato sensu* em Literatura Brasileira, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.